

BORDANDO COM AS PALAVRAS

Nelyse Ap. Melro Salzedas
UNESP / Bauru

Há, em *Exercícios de ser Criança*, dois textos poéticos - um plástico, outro verbal - ; cada um deles transbordando de poesia. Poucas palavras podem defini-la; entretanto, duas contidas no texto delineiam com precisão os despropósitos e peraltagem verbais e visuais.

Manoel de Barros, com seu *Menino que carregava água na peneira* (1999) sem complexidades teóricas e postulados retóricos, diz bem o que é poesia, usando da reflexão de um personagem: "Com certeza a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças. E ficou sendo." Esse ficou sendo indicia o lirismo, a musicalidade, a magia, o faz-de-conta, enfim a atmosfera poética do texto em questão.

O título de seu texto e preâmbulo alertam o leitor que irá folheá-lo e lê-lo. Na implicação do texto, seus vazios podem ser preenchidos por atos perlocutivos ao leitor: torne-se uma criança; sinta a mágica do mundo, solte a imaginação, transforme o impossível no possível, tire o des de despropósito, faça pirueta e também peraltagens com as palavras e os desenhos, entre no mundo da fantasia.

O próprio polo construtivo do texto joga com a peraltagem e travessura de criança, rege-se por ela tanto no nível do discurso como no da história.

A começar pela capa, o apelo sinestésico visual dos jogos infantis, o que lembra Brughel, encimado por uma lâmina floral, precipicita, por analepse temporal, a última cena do menino que carrega água na peneira.

A brincadeira de rua no preâmbulo, uma tentativa de diálogo, que acaba sendo um solilóquio de personagens, marca o tom e dá a clave musical a todas as notas poéticas, patadas pelo absurdo.

O garoto, em um aeroporto, indaga ao pai:

- E se o avião tropicar em um passarinho?
- O pai não responde.
- E se o avião tropicar em um passarinho triste.

Assinalo, nessa tentativa de diálogo, o lirismo mágico contido na relação sujeito/predicado (avião tropicar) contido nos semas de *tropicar* verbo indicativo de frequência levando o avião (suj.) a uma ação de continuidade temporal. Há, entre a primeira fala do garoto e a segunda, o silêncio do pai e, nessa faixa, o cronos altera o estado do passarinho, torna-o triste. Nela, existe uma metamorfose dada no atemporal, no espaço maravilhoso.

Ao lado da ação, a mãe cria um espaço e tempo paralelos, ao refletir: "Será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia? Será que os despropósitos não são mais carregados de poesia que o bom senso?"

Corre um tempo psicológico, ou a duração, entre os personagens, após o qual, "ao sair do sufoco (entre esse tempo, há a reflexão da mãe) o pai refletiu:

Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças. E ficou sendo."

E o preâmbulo fecha-se aí, com a reflexão do pai a indicar o processo actancial narrativo. Firmam-se nele as várias concepções de poeta e de poesia que saltam do texto

verbal e plástico, cuja chave está no grafismo bordado pelo despropósito e colorido da peraltagem.

A leitura do texto demanda do leitor as mesmas travessuras e despropósitos, devendo colar-se ao narrador da estória. Pretendo fazer a leitura em três etapas: a do texto verbal; do plástico e do inter e intratexto, apoiada na complementaridade e interação existentes entre texto e imagem. Isso, porque tanto a palavra como a imagem constroem, através da especificidade, a ambigüidade, o poético e o despropósito, perseguindo o bordado da palavra com o bordado da imagem.

Segundo Michel Rio (1987) o *dito*, nesse caso, prescinde do *visto*, ele, tendo por base a função poética, volta o seu referente para si mesmo, desferencializa a função. O visto também volta para si, prescinde do dito, poetiza-se. O leitor tem dois textos poéticos que se bastam, porém, se interpretam e interagem, hiperbolizando a ambigüidade porque não dizer, o despropósito.

O despropósito é, em si, o poético, o impossível possível no faz-de-conta, no era uma vez: como carregar água na peneira; catar espinhos na água; criar peixes no bolso; montar casas sobre orvalhos; ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo; interromper o vôo de um pássaro com um ponto final; fazer pedra dar flores e encher os vazios com peraltagens. Mas, concomitantemente, com o despropósito verbal, o plástico também secciona os significantes em unidades mínimas – os pontos, de dois tipos; o ponto atrás e os nózinhos – que formarão diversos signos, buscando combinar-se para construir novas significações.

Assim, a ilustração introdutória contém traços (pontos de bordado) presentes nas linhas; nas pipas; no avião; nos passarinhos; no menino; nos peixes; nas flores; nas casas; nas árvores; nas peneiras; nos campos. Igualmente contém um outro traço (nózinhos) que bordam gotas de água; chuva; guarda-chuva; pedras de ruas e gramados.

Os significantes plásticos combinam-se com o significantes verbais, ao configurarem as imagens que irrompem da construção sintático-semântica. O signo verbal transforma-se num grafismo que interage com a imagem, movimenta-se como se o dizer fosse o fazer, no ir-e-vir da estória. Há dois textos, pelo menos, e duas ilustrações que comprovam esse ir-e-vir, a da temporalidade e o anaforismo plástico, são dois enunciados que, graficamente, estão dispostos em caracóis. O primeiro inicia-se "*com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira*". O segundo: "*o tempo vai carregar água a vida toda*". O primeiro, plasticamente, vai de fora para dentro, de cima para baixo; o segundo, de baixo para cima, invertendo o movimento e graficamente menor que o primeiro, como se o do escrever fosse maior do que o da vida.

Há, entre esses dois textos plásticos, um processo de espelhamento que se dá após uma passagem temporal marcada pelo intervalo entre as páginas que ocorre entre: o carregar de água na peneira desde a infância e até o ser poeta.

O ir-e-vir não se dá só no fazer, dá-se também no narrar, no ponto de vista. Pois, no preâmbulo, o garoto, o pai e a mãe estão no aeroporto e, posteriormente, lá pelo meio da narrativa, a vista do gramado é aérea e também se lê: "*a mãe teve ternuras*" (no preâmbulo) e, quase no final da estória, *a mãe reparava o menino com ternura*. Ainda, no preâmbulo, discute-se o despropósito, a poesia, e no final a mãe fala: "*meu filho você vai ser poeta*".

Esse ir-e-vir plástico e verbal, digo ser igualmente uma peraltagem colorida, poética, do autor empírico: Manuel de Barros e dos ilustradores. Há um perfeito casamento poético entre o autor e os ilustradores, entre o bordado da palavra e o bordado da imagem.

O leitor, se em um primeiro momento frui o texto, tem a sua estesia e sente o efeito do texto - *um exercício de ser criança*.

Referências bibliográficas

BARROS, Manoel - *Exercícios de ser Criança*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1999.
Ilustrações: Bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sália Dumont.
Desenhos de Demóstenes.

